

...da triste figura

Leandro Pinheiro

Era o ano de 1986, numa manhã quente de domingo, dessas de dar certa preguiça e tédio. Já se aproximava o horário do almoço, quando o amigo se achegou ao portão dos fundos da casa para chamar o companheiro de andanças da meninice. Chegou pelos fundos, porque o portão da frente naquelas cercanias estava mais para se ver que para se usar.

Pois que o garoto se assomou ao portão a saber que queria o amigo. E este pronto lhe falou da convocação de outro conhecido, vizinho de bairro, que dizia da necessidade de expulsar garotos maloqueiros, como ele mesmo nominava, que estavam ajuntados em um mato fechado não muito longe dali. "Ora, maloqueiros reunidos em local de pouco acesso?! Boa coisa não pode ser! Certamente, estão ali para usar drogas e fazer o que não se deve", argumentou.

A primeira resposta do garoto foi uma pergunta, justo conforme lhe percorria o ânimo: "que tenho eu com esses guris?". Mas, por alguma eloquência que não se conhece de todo, os brios do menino foram tocados e lá se foi ele para sua odisseia. Não tardaram a chegar ao pequeno campo de futebol improvisado, onde costumavam jogar suas peladas. Lá estavam outros meninos, aguardando para a empreitada. Situação inusitada para o garoto que, embora bastante cheio de si e convicto de suas capacidades, não tinha de fato experienciado embate como aquele em todos os seus 11 anos de vida.

Todos ali se armaram com o que tinham, basicamente paus e pedras, e foram adiante, descendo até o limite do arvoredo onde teriam se embrenhado seus rivais do momento. Eis que era

momento das crianças se lançarem à sua tarefa belicista e, de fato, pareciam ter convicção em seu intento. Aqueles “pequenos homens” estavam a defender algo que não sabiam bem o que era, mas que, por certo, seria importante.

A primeira estratégia adotada foi o arremesso de pedras. Não se sabia onde estavam exatamente os supostos delinquentes, então jogavam fragmentos aleatoriamente. Porém, para a surpresa dos pequenos combatentes, não tardou muito até que um dos pedregulhos atingisse alguém, e menos ainda para que o mesmo viesse cobrar satisfações. Pois que mal mostrara o rosto ferido na saída do arvoredo, o menino magricelo e de pele marcada pelo sol provocou uma debandada das mais coesas. Nem o mais gordo dos apedrejadores deixou que a subida íngreme o intimidasse.

Contudo, a história não acaba aqui. E não acaba aqui porque nem todos correram. O garoto ficou ali. Suas pernas bem tentaram levá-lo de volta ao campo de futebol, mas sua mente ordenou ficar. Tentava se convencer: não tenho medo e é uma questão de honra; fugir seria uma covardia. Ao que parece, ele passara demasiado tempo assistindo TV e conhecia circunstâncias como aquelas apenas na teoria. Aí, um tanto de prepotência e, sobretudo, uma boa dose de ingenuidade fez com que não percebesse onde se metera. Os outros meninos tinham fugido justamente por reconhecer aquele que saíra do matagal. Era sujeito já conhecido da polícia e dos juizados, cuja fama fez a valentia dos purgadores de momento se dissipar pelas pernas.

Mas, ali estava o garoto em frente ao seu oponente. Perto dele somente o amigo, que ficara por rara fidelidade. Antes que pudessem compreender como sucedera, o tal magricelo retirou das mãos do inexperiente combatente o pedaço de pau que carregava e, sem dó, deu-lhe várias pancadas, deixando pelos menos umas três marcas bastante doloridas. Para defender-se, tudo o que o garoto conseguiu fazer foi agarrar desajeitadamente seu rival e empurrá-lo para o chão, o que lhe deu tempo para correr, sair dali de volta ao campo de futebol com seu amigo.

Chegando àquela cancha improvisada, encontraram várias pessoas. Não os parceiros de antes. Estes já tinham se escondido nos pátios de suas casas e de lá assistiam a continuidade dos fatos. Agora, eram adultos que espreitavam o ocorrido e acompanhavam o suspense da batalha. E não demoraria pois, chegariam ao campo os tais maloqueiros. Não um ou dois, mas todo o grupo que se infiltrara no matagal, como um decidido coletivo vindo em cobrança.

Dali em diante não foram poucos os minutos de conversas e provocações entre os oponentes da peleja. Curiosamente, havia certo código comandando as coisas por ali. O magricelo queria vingar o ferimento feito em seu rosto; o garoto argumentava como podia para sair daquela enrascada sem novo embate. Não se esboçava um confronto coletivo, mas sim um acerto de contas entre rivais. Depois de transcorrido algum tempo, a plateia aumentara e os "pequenos homens" participavam já de um espetáculo público, a preencher um dia que, para a alegria da vizinhança, estava livre da aparência tediosa inicial.

Foi então que o garoto, já cansado de argumentar, mandou a todos para muito, muito longe, virou as costas e saiu andando. De imediato, o oponente reagiu à atitude intempestuosa, metendo-lhe os pés nas costas. Estava feito o cenário para o certame tão esperado pelos expectadores que, por seu turno, não deixaram de colaborar como árbitros da situação. Diziam eles que tal golpe não poderia ficar sem resposta. Afinal, tratava-se de rivalidade entre machos, por menores que fossem.

O resultado foi bastante previsível. O garoto só não apanhou mais porque soube segurar o oponente. E eis que estavam os dois agarrados e imobilizados no chão, quando os adultos resolveram dar por concluída a peleja. Agora, os combatentes já tinham autorização para seguir seus caminhos. O garoto e seu amigo retornaram para suas casas enfim, acompanhados pelo silêncio e pela perplexidade. Tinham sido horas intensas, que se estenderiam por muito além daquela data.

Quase chegando em suas moradas, o amigo se escusou por ter chamado o companheiro ao entrevero. O amigo pediu desculpas pelo que não fora culpa sua; o garoto aprendeu a sentir o medo que não era seu.